

VATICINIO DE MALDIÇÃO

A Inglaterra affrontando o mundo

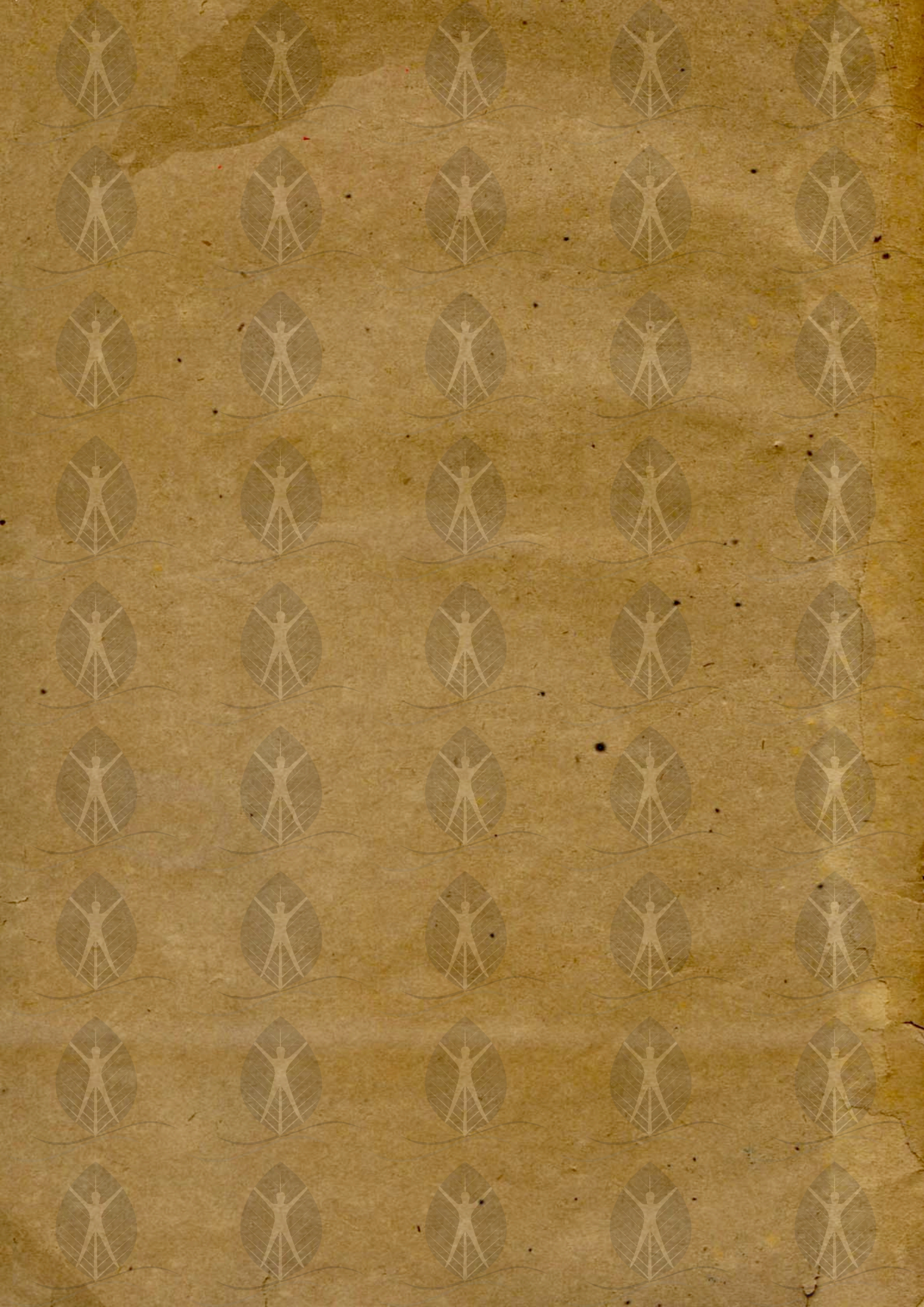
POR

Justino Marques

(*)

DIANÓOS 1890







A' PATRIA FERIDA

DEDICA E CONSAGRA COMO PROVA DE ACRISOLA-
DO PATRIOTISMO,

O AUCTOR.

SIRVA DE PROLOGO

SEM conhecimentos litterarios que me habilitem a escrever uma obra de grande folego, onde realçam as bellas lettras e as varias materias que ornam a litteratura, limito-me a escrever este pequeno *opusculo*, sem vaidade nem jatancia de grandes conhecimentos.

Não sei se será juzadia publicar uma obra, sem que esta preencha todos os requisitos da Arte; no entanto, achei o momento azado, e o pensamento repleto de indignação, não teve tempo nem paciencia para medir e harmonisar o metro.

Se é duro ou frouxo, destoante ao ouvido, ou mesmo truncado, deixo isso a benevolencia do leitor, que relevará estas faltas, apreciando somente a obra, pelo motivo que a dictou.

Nesta occasião toda a propaganda contra a Inglaterra, deve ser considerada um beneficio feito á humanidade; pois esse colosso sangui-

nario, tenta avassallar o mundo, com o poder de seus canhões, e reduzi-lo a uma escravidão vergonhosa e retrograda.

A Inglaterra, acaba de rasgar a mascara hypocrita de fiel alliada e amiga, jogando a Portugal a suprema affronta, e tentando expoliar dos territorios que tanto custaram aos nossos maiores, e que sempre se têm conservado debaixo da soberania portugueza.

O mundo inteiro ergueu um brado de indignação, demonstrando o direito e a justiça que cabiam a Portugal, e o povo portuguez, em um só pensamento, e comungando as mesmas ideias, ergueu-se cheio de indignação protestando contra a vil ladroeira da Inglaterra.

Bem haja ! pois, maldito será o filho, que, vendo sua mãe prestes a ser devorada por uma fera, não vá em seu soccorro.

Eis, por tanto, o que me impelliu a publicar esta obra.

E' um brado de indignação contra o procedimento ignobil e vil, d'aquelles que tanto nos affagavam, e uma prova de reconhecimento para com a terra que n e foi berço, demonstrando ao mesmo tempo, que, não são os longos annos de exilio que fazem esquecer aquella maxima tão verdadeira — «O amor da patria é a alma da sociedade»

Maldição

CONFLICTO ANGLO-LUSO

7 *M*etos de heróes, eia, alerta,
Que em vossos peitos desperta
Um brado do indignação !
Firmes no posto, esperai,
Co' o mundo inteiro bradae,
— Contra o trahidor — maldição !

*

Pobre e velho Portugal,
Que é do teu poder real
Das priscas éras ? que é d'elle ?
Sem terças, — manietado,
Sem e bedal, e cançado,
Inane, dormente, imbelie !

Dormes no leito da historia
Acalentado c'oa gloria
Dos feitos que já lá vão;
De tantos louros coberto,
Dormes em fundo dezerto,
Cançado, — velho Leão.

Nesse somno descuidado
Em qu'estas, não vês toldado
O firmamento — não vês !
Negra féra traçoeira
Sendo-lhe a sombra sagüeira,
Goza da tua mudez .

Qual vampiro, lentamente
Suga-te o sangue, e potente,
Vendo-te exausto, ergue altiva,
A frente, e as fouces abrindo,
Olha o banquete rugindo
Pela presa já ferida .

Despertas, fraco, abatido,
Ao som do fero rugido,
Ergues um braço — traicã !
Responde o ecco no montão
E Deus brada no horisonte,
— Para o traidor — maldição !

Toma forças da fraqueza,
Ergue-te em pé, com firmeza,
Mostra ainda que és Leão,
Está feito o vaicínio
Guerra ! guerra de extermínio
— Para o traidor — maldição

Bravos luzos, que frementes
Bem mostram ser descendentes
Dos bravos de Mazagão !

A uma vós, do norte ao sul,
Bradam—guerra a John Bull,
—Para o traidor—maldição !


Netos d'heróes, eia, alerta,
Que em vossos peitos despertas
Um brado de indignação !

Firmes no posto—esperae;
Co'o mundo inteiro bradae;
—Para o traidor—maldição !

Manáes, 19 de Fevereiro de 1890.

Justino Marques.

(Do *Seculo* de Manáes)



Guerra de extermínio

Abaixo John Bull !!

Portuguezes, o momento é solemne ! Raiou
enfim o dia. em que, cançados de uma op-
pressão indigna e vergonhosa, devemos todos
reagir contra as infames pretensões dos indi-
gnos piratas, dos traidores cervejeiros da vil-
Inglaterra !

O pove portuguez está cançado de tanto op-
probrio !

Os ultimos acontecimentos relativos á ques-
tão africana, vieram accordar no coração por-
tuguez aquelle fogo de patriotismo que tanto
enobreceu os nossos antepassados, e que ora
parecia adormecidos; mas, semelhante ao fogo
que lavrando debaixo das cinzas só espera um
pequeno sopro para expludir, assim, este povo
tão covardemente offendido, depois de tantos
labéos recebendo a suprema affronta, acaba de
revoltar-se com toda a força do seu patriotis-

mo, com a força do direito e da justiça, desde o nobre, ao mais infimo plebeu, contra a traiçoeira e quichotesea intimativa da nossa *fiel* alliada, a poderosa Inglaterra.

Na justa campanha de represalia, devem ter treguas todas dissensões quer politicas ou particulares, para formar uma só familia, com um só pensamento, — guerra de exterminio, e odio perpetuo, aos negreiros hypocritas, aos carvoeiros embrutecidos nas orgias do Whisky, aos oppressores da humanidade!

Esta questão não indignou só o povo portuguezes; todas as nações reconheceram o direito de Portugal, e a affronta lançada pela Inglaterra a Europa inteira, calcando as convenções internacionaes, e postergando a liberdade do mais franco, uzado do direito da força, contra a força do direito.

Esperamos a resolução das potencias estrangeiras, mas mesmo que esta seja favoravel a Portugal, não deve parar a nossa campanha, e tando sempre alerta e prevenidos, pois que John Bull, semelhante a um reptil venenoso, não perdera ensejo de nos ferir traiçoeiramente.

E' preciso esmagar a hydra traçoeira, que depois de sugar lentamente o sangue do velho leão e com elle se robustecer, abre as hybridas fauces para lhe devorar o corpo já mumificado.

Mas ai da misera ! se o velho leão no supremo arranco do desespero lhe crava as garras, então todo o seu sangue rejuvenescerá, e a pobre voltará ao seu estado primitivo, deixando ao leão todo o sangue que lhe pertencia !

Portuguezes, é preciso recordar todo o mal que nos tem vindo da alliança ingleza ! Temos ainda bem recente, na historia de Portugal, o quanto soffremos com a invasão franceza, que só foi motivada pela alliança da Inglaterra, a qual só veio a Portugal com a mascara de prôteetora, para nos roubar e anniquillar mais.

Procurae a maior parte das nossas antigas colonias, o nosso grande Imperio do Oriente, a riqueza do nosso solo, o producto constante de nosso rosto; — tudo achareis nas garras insaciaveis da nossa *muito fiel e querida* alliança, — a ambiciosa Albion.

Devemos ensinar mesmo a nossos filhos todo o mal que temos soffrido, para que elles sintam a repulsão que nós sentiamos, e se livrem do seu contacto pernicioso.

Que importa o immenso espaço que nos separa da cara patria, se aqui mesmo sentimos as suas dores, que veem repercutir em nosso coração !

Devemos ferir a quem nos feriu ! Quereis saber o melhor meio de ferir de morte John Bull ? é não lhe comprar o ferro e cerveja, e não lhe dar carne para os seus *beefts*. O commercio é o poderoso elemento, que melhor nos póde vingar; pois que os Estados-Unidos, a França, a Allemanha, e outras muitas nações suprem bem a Inglaterra, e talvez mais vantajosamente para o commercio. Finalmente, é necessario que nos unamos todos, porque unidos seremos fortes para podermos reagir, e mostrar aos nossos compatriotas dispersos pela superficie da terra, que a colonia portugueza no Amazonas, não crusou os braços ante a affronta feita ao velho Portugal, pela Potencia que mais mal tem feito a humanidade.

Guerra por todos os meios !
Guerra de exterminio !
Abaixo John Bull !

Manãos, 19 de Fevereiro de 1890.

JUSTINO MARQUES.

(Publicado no *Commercio do Amazonas*).

VATICINIO

7
O ORGULHO INGLEZ, A CAMINHO DO SEPULCHRO.

RUMOREJA em toda parte
O estridor da indignação;
Toca unisono a rebate,
Todo o peito aonde bate
Um portuguez coração!

As ôndas do mar se agitam,
Révoltos o ceu e a terra;
Os raios do sol crepitam,
E em mil scentelhas incitam
A' vingança, — á santa guerra!

Nas paragens mais remotas,
Nas brenhas mais inconstantes
Onde for' as luzas frotas,
Lá se erguem sentidas notas
D'amor patric, — em vós possante.

E resentido o universo,
Todo se ergue em turbilhão,
Em pró d'um povo disperso,
Que anathematiza o excesso
Da vil e infame traição.

Ante os canhões do negreiro
O céu em luto se encerra,
Que esse *lord* cervejeiro
O londrino nevoeiro
Quer mandar a toda a terra.

Portugal é lauta meza
Do seu primeiro designio;
Já conta segura a presa;
Mas de permeio,—oh surpresa!
Surge o anjo do exterminio.

* * *

E no espaço, o anjo alado,
Sob um céu ennevoado
Que envolve a terra maldita,
Diz, estendendo a mão:
—Tu és a mais vil nação,
Teus filhos, raça precita.

Foste cõuto de sicarios,
Onde vinham teus cors rios
Pernoitar da rapinagem;
Tua ambição desmedida
Não poupava a bolça e a vida,
A quem pedia hospedagem.

Cresceste sempre em vilesa
Tendo ao rosto a mascara preza
De philantropica amiga;
Redustiste á escravidão
Tuas irmãs co'a oppressão,
Das algemas que ainda as liga.

Portugal, França e Hespanha,
Envoltos em tua manha
Deram-te lauto banquete;
E ás indicas regiões,
Da bocca de teus canhões,
Lançaste ignobil ferrete.

Tu és a ealamidade
Que persegue a humanidade
Da alvorada ao sol poente;
Onde passas, deixas morte,
O luto á triste consorte,
Sem pão o pobre innocente.

E o bom Deus compadecido
De quem tanto ha soffrido,
Firmou o teu vaticinio:

—Só terás ferro e cerveja,
Que o mundo todo troveja
N'uma guerra de exterminio.

Já deste o ultimo passo,
Lançando o perfido laço
Ao velho inerme gigante;
Mas este, f'rido, desperta,
—Brada a seus filhos—alerta !
Guerra ao traidor petulaute !

Guerra ao cambio, ao algarismo,
Guerra ao commercio e cynismo,
Guerra ao estomago e algibeira !
Ahi jaz a prepotencia
Esmagada sem clemencia,
Da libertina altaneira !

Fica perdida Albion,
Exposta a cada nação,
Sentindo a dôr da chibata !
Será teu refugio a ilha,
E dos cesarios a quilha:
—Fica maldita pirata !

.....
.....
.....
E as brancas azas o anjo batendo,
De nauzeas cheio, foge á impuresa;
No espaço brada, a fronte volvendo,
— Maldita serás ó ilha ingleza !

E o ceu de negro, mais negro assoma,
Ao fundo azar do ferro e carvão,
Cerveja e Wisky, que se transforma
Em esterquilinio, e sobe a amplidão.

Da raiva a bilis, fulos cuspindo
A masc'ra cae, de hypocrita amigo,
Da eterna orgia, se erguem rugindo,
Co'a estupidez do bebado antigo.

Fracos ! cobardes ! biltres ! pultrões !
Fortes só, ante o inerme e indefeizo;
E' o ouro o seu dilema, e os canhões,
Que ao mundo inspiram tedio e desprezo.

.....
.....
.....
São piratas, e negal-o,
E' negar a natureza;
Rapinagem é o regalo
Da alma negra, n'avareza.

E na ambição desmedida
Quer todo o mundo abranger;
Mas se á força é repellida,
Curva-se humilde a tremer.

Seja a Russia o exemplo altivo,
Que géla o rizo ao bretão;
França e Hespanha mostro' o livro
De, *nec plus ultra*, Albion !

A livre America alerta,
Raios de luz espargindo,
Sempre em lucta descuberta
Vae lbe o terror incutindo.

E a estrella do cruzeiro,
Fulgente, livre, no sul,
Co'os raios fere o negreiro,
Desmascarando John Bull.

* * *

ata de atrevido
do em seus galleões,
ê as mil atenções
perseguem; destemido,
reito ao ponto q'rido
as aspirações.

Caminho n'África abrir
Para as suas posseções,
Co'a boca de seus canhões,
Sem Portugal impedir;
—Isto dissero'a sorrir,
Bebados *lords* bretões.

Mas ao grito portuguez
Contra o ladrão atrevido,
Ergue-se o povo opprimido
Pelo escravocrata inglez,
E brada co'intrepidez :
—*Suum cuique* é livre o captivo !

E ao grito, o mundo desperta
D'esse lethargo insensato;
Que em banquete lauto e farto
Come'os piratas alerta.
Mas n'uma liga concreta,
As nações se erguem no acto.

Os mortíferos canhões,
Mudos o mar os consome;
E mil navios sem nome
Em 'stilhaços, aos montões;
E o pavilhão dos bretões
Enlameado, assim dorme.

N'um rir de sicario,
Ainda ouza o pirata
Jogar a barvata
Com outras nações;
Mas gelam-se os labios
E o rizo fenece.
E o biltre estremece,
Ao som dos canhões.

a
b
c
d
e
f
g

Pasmado e atonito,
Ao ver destimido
O povo opprimido
Da vil crueldade,
Erguendo-se indomito
E a par das nações
Bradar co'iffuzões :
— Salve liberdade !

Atraz sanguinarios !
—O mundo lhe grita;
E a turba maldita
Lá foge a correr;
E sob um ceo turbido,
Nã ilha da fome,
Alli se consome
O antigo poder.



E tu, oh patria dos meus sonhos ledos,
Ninho da infancia, meu primeiro abril,
Ergue-te extrenua e esmaga os vis segredos
D'essa alliança, vergonhoza e vil.

De pé, irmãos, firmes no posto, avante !
Clama vingança o brio portuguez;
Legae aos filhos um odio constante :
—Guerra sem treguas ao pirata inglez !

JUSTINO MARQUES.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA